

FRIDA VINGREN, A BIBELKVINNA OLVIDADA.

Frida Vingren, the forgotten Bibelkvinna.

Nuno Manuel Ferreira Gonçalves¹
Maria de Lourdes Koerich Belli Stella²

RESUMO

Este artigo faz uma análise resumida da vida e ministério de Frida Vingren tendo como objetivo refletir na importância dessa grande mulher de Deus, que impactou significativamente as Assembleias de Deus, revendo o seu ministério e a sua produção como escritora, jornalista, missionária, pregadora e musicista. Uma mulher que doou a sua vida pela igreja e que, mesmo tendo produzido e impactado tanto, subitamente sumiu dos anais da história da maior denominação evangélica do Brasil da atualidade. Além de apresentar a vida de Frida, o artigo pretende refletir sobre os anos de silêncio no que diz respeito à sua memória, tentando analisar se foi esquecida gradualmente ou, propositalmente, apagada. Para analisar essa questão, o método de pesquisa utilizado foi o bibliográfico, onde foram considerados diversos autores como Alencar (2012); Araujo (2007; 2014); Conde (2020); Mota (2018); Vilhena (2016); Vingren (2020) entre outros. Ao finalizar a pesquisa chegou-se à conclusão de que Frida Vingren fora uma mulher que exerceu grande representatividade e influência no início da história das Assembleias de Deus no Brasil, atuando inclusive à frente da liderança dessa igreja. Sua história por anos foi deixada de lado, mas com a crescente luta pelos direitos de igualdade, alguns pesquisadores não mediram esforços para resgatar essa história. Assim hoje a história de Frida começa a ganhar maior visibilidade, o que certamente colaborará para uma nova visão sobre o ministério feminino nessa denominação religiosa.

Palavras-Chave: Frida Vingren, Pioneiros, Ministério Feminino, Assembleia de Deus.

¹ Mestrado em Informática pela UFPR. Licenciado em Engenharia de Sistemas e Informática pela Universidade do Minho – Portugal. Graduado Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba.

² Mestranda em Teologia pela FABAPAR, Especialista em Docência do Ensino Religioso pela Faculdade Cristã de Curitiba, Especialista em Docência do Ensino Superior pela UNINTER, Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba.



ABSTRACT

This article provides a brief analysis of life and ministry of Frida Vingren, aiming to reflect the importance of this great woman of God, who significantly impacted the Assemblies of God, reviewing her ministry and her production as a writer, journalist, missionary, preacher and musician. A woman who gave her life for the church and who, despite having produced and impacted so much, suddenly disappeared from the historic records in the largest evangelical church in Brazil. In addition to presenting Frida's life, this article intends to reflect on the years of silence regarding her memory, trying to analyze whether it was gradually forgotten or, purposefully, erased. To analyze this issue, the research method used was the bibliographic, where several authors such as Alencar (2012) were considered; Araujo (2007; 2014); Count (2020); Mota (2018); Vilhena (2016); Vingren (2020) among others. At the end of the research, it was concluded that Frida Vingren was a woman who exerted great representation and influence in the beginning of the history of the Assemblies of God in Brazil, even acting in leadership of that church. Its history has been left aside for years, but with the growing struggle for equality rights, some researchers have gone to great lengths to rescue her history. So today, Frida's story begins to gain greater visibility, which will certainly contribute to a new vision of women's ministry in this religious denomination.

Keywords: Misogyny. Frida Vingren, Pioneers, Women's Ministry, Assembleia de Deus.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a vida de Frida Maria Strandberg, missionária sueca esposa de Gunnar Vingren, fundador das Assembleias de Deus (AD) no Brasil. A atuação de Frida foi fundamental para a expansão das Assembleias de Deus no Brasil (VILHENA, 2018, p. 12). Frida foi “Missionária, Enfermeira, Jornalista, Musicista, Compositora, Poetisa, Articulista, Tradutora, amante de fotografia, Evangelista, dirigente de Igrejas, cheia do Espírito Santo” (ARAUJO, 2021). No entanto fruto dessa atuação tão influente, e importante, pretende-se refletir o porquê de não existir, por um período significativo de tempo, um trabalho de reconhecimento na literatura sobre o seu papel fundamental no início da maior denominação evangélica do Brasil. Será



que a memória dela foi, simplesmente, esquecida ou conflitos, pressões e outros fatores levaram a que fosse apagada da história?

1. A INFÂNCIA, A CHAMADA MISSIONÁRIA E OS PRIMEIROS ANOS DE FRIDA VINGREN NO BRASIL

Neste tópico abordaremos, de forma resumida, a 1ª parte da biografia de Frida Maria Strandberg Vingren. Para que haja melhor compreensão da mesma, optou-se em dividi-la por fases. Essas fases representem mudanças marcantes da sua vida e/ou ministério. Iniciemos então por sua infância e chegada ao Brasil.

1.1 Da infância ao Brasil (1891-1917)

Frida Maria Strandberg nasceu no dia 9 de junho de 1891 em Själevad, distrito de Västernorrlands, no Norte da Suécia (ARAUJO, 2015, p. 15). Filha dos crentes luteranos Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin, e por isso fora criada em um ambiente cristão (ARAUJO, 2015, p. 15). Já em sua infância e adolescência, Frida sentiu o chamado de Deus para trabalhar em sua obra por meio de revelações e visões (ARAUJO, 2015, p. 15). Porém não há muito sobre essas fases iniciais de sua vida, como afirma Vilhena,

Há poucos dados sobre a infância e adolescência de Frida, tempos difíceis numa Suécia luterana, fria e com problemas sociais graves por conta, inclusive, da I Guerra Mundial. Estariam aí a motivação de tão cedo – ainda criança procurar a vida religiosa? (VILHENA, 2016, p. 44)

Nos anos de 1905 e 1906, a Suécia viveu um despertar espiritual com a chegada do avivamento pentecostal principalmente nas igrejas batistas tradicionais (ARAUJO, 2015, p. 18). Em 1913 foi constituída oficialmente a Igreja Filadélfia de Estocolmo, uma igreja pentecostal totalmente desmembrada da União Batista Sueca, dirigida pelo pastor Lewi Pethrus (ARAUJO, 2015, p. 19). Foi então que Frida, sentindo o ardente chamado missionário foi se preparando através de um curso bíblico de oito meses no Svenska Bibel-Institutet (Instituto Bíblico Sueco), mantido pela Associação Evangélica da Pátria (ARAUJO, 2015, p. 24). Depois de terminado esse curso, completou a



sua graduação em enfermagem no Hospital de Vänersborg e cursou três meses numa Casa Infantil em Estocolmo. Enquanto se preparava para a sua chamada missionária trabalhou como chefe da seção de enfermaria no Hospital Sabbatsbergs (ARAÚJO, 2015, p. 24).

Nesse período na Suécia, os pentecostais, que eram um grupo ainda recente, em modo geral, evitavam os títulos de pastor ou diácono, portanto todos eram chamados de irmãos e irmãs. Ainda se deve, também, salientar que as mulheres tinham nesse momento do movimento pentecostal sueco maior e mais liberdade que posteriormente. As mulheres palestrantes em encontros bíblicos eram apresentadas lado a lado com os homens, existindo assim ensinadores e ensinadoras nesse meio. “Na realidade, a maioria dos evangelistas suecos eram mulheres” (ARAÚJO, 2015, p. 28), isso por si só já é algo que nos chama atenção, e sinaliza para a futura liderança desempenhada por Frida.

O ano de 1917 foi cheio de eventos que transformaram por completo a vida de Frida. No início do ano ingressou no movimento pentecostal, pois até então era luterana, e foi batizada nas águas no dia 24 de janeiro de 1917, na Igreja Filadélfia de Estocolmo (ARAÚJO, 2015, p. 29). Em seguida recebeu um chamado de Deus para a missão no Brasil, como se pode observar:

Frida havia comunicado ao pastor Lewi Pethrus que o Senhor a chamara para o campo missionário no Brasil “Eu mesma pude ver Gunnar numa visão ou revelação, perguntando-me se eu queria ajudá-lo no trabalho missionário. Isso me aconteceu antes que o visse trabalhando” (ARAÚJO, 2015, p. 30)

Mediante isso começou a buscar o batismo com o Espírito Santo, que efetivamente recebeu no dia 11 de março de 1917, e posteriormente também o dom de profecia (ARAÚJO, 2015, p. 30). Ainda em 1917, Frida conheceu Gunnar Vingren que em 1915, após a fundação e primeiros anos da Assembleia de Deus em Belém do Pará, tinha retornado para passar umas férias na Suécia, a sua terra natal (VINGREN, 2020, p. 81). Aqui é importante ressaltarmos que Vingren já havia recebido nos Estados Unidos, em 1910, uma profecia que dizia que ele deveria ir para o Pará e que se casaria com uma moça chamada Strandberg (VINGREN, 2020, p. 27).



Vingren estava prestes a retornar para o campo missionário no Brasil quando conheceu Frida, o que sinalizava para o fato de que a profecia estaria a cumprir-se. Frida logo sentiu o desejo de acompanhar Gunnar nessa missão (VINGREN, 2020, p. 89). Durante os últimos dias de Vingren na Suécia, o casal então de namorados se reuniu com várias famílias em oração, sendo que em 12 de março de 1917, Vingren partiu com destino ao Brasil, passando primeiramente pelos EUA (VINGREN, 2020, p. 90). Frida continuou a sua preparação para a missão que Deus lhe confiara, assim como afirma Araújo,

Em 27 de maio de 1917, foi ordenada missionária pela Igreja Filadélfia de Estocolmo, para trabalhar no Brasil, principalmente, como *bibelkvinna* (antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas). (ARAÚJO, 2015, p. 32)

Dias depois da sua formatura, em 31 de maio de 1917, embarcou finalmente para a sua missão no Brasil, tendo como primeiro destino Nova York, onde chegou no dia 12 de junho de 1917 (ARAÚJO, 2015, p. 32). Ali pode reencontrar Vingren e planejar sobre o futuro deles, como casal, e sobre a missão brasileira (ARAÚJO, 2015, p. 35). Como nem tudo sai da forma que se espera, infelizmente no dia 21 de junho, Frida foi obrigada a seguir sozinha para Belém do Pará, por problemas na documentação de Vingren (VINGREN, 2020, p. 95), onde desembarcou no dia 4 de julho de 1917 (ARAÚJO, 2015, p. 38). Frida estava certa de seu destino e de sua chamada missionária, como se pode ler no relato a seguir:

Ela contou no testemunho de sua chamada publicado na Suécia no ano de sua vinda para o Brasil: “Ao Senhor aprouve libertar uma alma amarrada e dar asas, por meio das quais eu, com júbilo e gratidão, pude me elevar em direção ao Deus vivo. Após algum tempo ficou claro para mim que o Senhor me chamara para o Brasil e agora Ele abriu o caminho para lá. Estou indo para ensinar as maravilhas de Jesus Cristo. Glória a Deus!”. (ARAÚJO, 2015, p. 31)



1.2 Primeiros anos na Igreja em Belém (1917-1924)

Em Belém, Frida ficou inicialmente instalada na casa da família dos missionários Samuel e Lina Nyström e logo começou as aulas para aprender a língua portuguesa (ARAUJO, 2015, p. 40). Sobre Samuel Nyström Alencar escreve:

Samuel Nyström (1891-1960) foi o primeiro e principal responsável pela tradicionalização das ADs no Brasil – foi presidente da Convenção e da igreja sede no RJ no mesmo período em que Getúlio governou o país. Chegou ao Brasil com sua esposa Lina Nyström, em 16 de agosto de 1916, enviada pela Missão Sueca. Foi, portanto, o primeiro missionário enviado oficialmente pela Igreja Batista Filadélfia. Se Vingren (e Berg) vem sozinho, por conta própria a partir de uma revelação divina, Nyström foi enviado oficialmente por uma instituição. Isso, definitivamente, vai ser um divisor entre os dois. (ALENCAR, 2012, p. 122)

Em 6 de agosto de 1917 Vingren voltou finalmente para o Brasil (VINGREN, 2020, p. 96) e no dia 16 de outubro de 1917 Frida e Vingren se casaram sendo que a cerimônia foi dirigida por Samuel Nyström (ARAUJO, 2015, p. 42). Frida, recém-casada, num novo país, com cultura e clima totalmente diferentes, passando por muitas dificuldades, tem a certeza de que estava sob a vontade de Deus:

Frida teve que se adaptar ao clima quente brasileiro e às condições de vida financeira do lar que acabava de se iniciar. Mesmo quando eles tinham apenas banana e farinha de mandioca para comer, sabiam que o poder de Deus estava presente em suas vidas. O casal passou por todas as dificuldades com a ajuda de oração e jejum. Esta foi a prova de que haviam sido escolhidos para a tão difícil tarefa (ARAUJO, 2015, p. 42).

Frida focou o seu trabalho inicial no país ajudando com as crianças, a assistência social e os trabalhos gerais na igreja. A sua formação como enfermeira foi de grande valia pois realizava um importante trabalho de parteira, esse foi mais um motivo que



aproximou Frida da comunidade onde estava, agora, inserida como afirma Peixoto:

Sua profissão foi de grande utilidade para as comunidades simples e carentes as quais serviu, já que o clima tropical da Amazônia era propício, especialmente no início do séc. XX, às doenças tipicamente tropicais ou relacionadas ao saneamento básico precário. (PEIXOTO, 2017, p. 20)

No dia 1 de julho de 1918 nasce Ivar Vingren, o primeiro filho do casal. Como Vingren viajava bastante, evangelizando e organizando as novas igrejas de cidades próximas, Frida ficava muitas vezes responsável pela direção da igreja e dos cultos (ARAUJO, 2015, p. 46). Em 1919, identificando a necessidade de divulgar as doutrinas pentecostais em todo o país, é fundado o jornal Boa Semente (BS), o qual teve Frida como redatora chefe (ARAUJO, 2015, p. 47). Ainda nesse ano, em 11 agosto, nasce o seu segundo filho Ruben Vingren (ARAUJO, 2015, p. 47).

Em 1920 Frida contraiu Malária e passou três meses (março a junho) lutando contra a doença (ARAUJO, 2015, p. 50). Em 24 de junho, após uma profecia de Frida, Vingren viajou pela primeira vez para o sul do Brasil. A cidade escolhida foi o Rio de Janeiro que então era a capital e a cidade mais populosa do país, tendo permanecido lá por três meses (ARAUJO, 2015, p. 53). No final do ano Vingren adoeceu e com o constante agravamento da saúde decidiram voltar para um período de férias na Suécia. Depois do Natal Frida sofreu um aborto, fato que entristece profundamente o casal. Conforme relata Araújo (2015, p.55) eles partiram em 8 de maio de 1921 juntamente com os seus dois filhos, essa era a segunda visita de Vingren à Suécia, e a primeira de Frida depois de 4 anos no Brasil.

Ao melhorar sua saúde, Vingren dedicou todo o tempo na Suécia a fazer viagens e visitar muitos lugares para realizar cultos de avivamento. Em quase todos os cultos ele falava da missão no Brasil. Para informar a todo o povo pentecostal sueco da época notícias do campo missionário brasileiro, o jornal Evangelii Hårold publicou uma reportagem escrita por Frida na edição de 12 de maio de 1921. O mesmo jornal na edição de 9 de junho de 1921



noticiou a primeira visita do casal Vingren à sua pátria. Nessa época, Frida logo engravidou de mais uma criança. (ARAUJO, 2015, p. 55).

Assim em 24 de maio de 1922, nasceu Margit, a primeira filha do casal Vingren, na cidade de Rönninge, onde moravam os pais de Vingren (ARAUJO, 2015, p. 60). No dia 17 de agosto de 1922 a família embarcou com destino ao Brasil via Estados Unidos. Foi durante esse período nos Estados Unidos, que Frida teve a oportunidade de conhecer a pastora Aimee Semple McPherson, alguém que inspirava grandemente o seu ministério no Brasil, conforme afirma Alencar,

No pentecostalismo norte-americano, despontava uma pregadora, musicista e escritora, que liderava um movimento que se transforma na Igreja Evangelho Quadrangular, Aimee Semple McPherson (1890-1944). Quem no Brasil poderia ter acompanhado este fenômeno senão exatamente os missionários suecos, pois todos vinham da Suécia para o Brasil via EUA e, provavelmente, todos falavam inglês. McPherson era a inspiração de Frida. Em 1922, a família Vingren vai passar um período de férias na Suécia e, no retorno, fica nos EUA de agosto de 1922 a janeiro de 1923. Neste período, Frida tem contato pessoal com McPherson, pois no Brasil lhe escreve uma carta agradecendo a oportunidade da conversa. [...] McPherson nasceu em 1890 e Frida, em 1891, portanto, um ano mais nova; McPherson morreu em 1944, Frida, em 1940; ambas são compositoras, pregadoras e escrevem em jornais. [...] Frida conhecia seu ministério, lia seus textos e a admirava; tanto que no Som Alegre, ano I, no. 3, fevereiro de 1930, há um texto de McPherson traduzido por Frida. Medidas as proporções, talvez quisesse imitá-la. (ALENCAR, 2012, p. 103 - 104)

Depois de conhecer McPherson, mais precisamente em 20 de janeiro de 1923 a família partiu dos Estados Unidos, e em 1 de fevereiro retornam finalmente a Belém no Pará. Durante esse ano Vingren viajou novamente para o Rio de Janeiro por três meses, esteve na capital cuidando do rebanho que já existia desde a sua primeira visita



(ARAUJO, 2015, p. 65). Durante a ausência de Vingren, Frida colaborava na direção da igreja ao lado dos pastores auxiliares, o que não parecia ser nada extraordinário, devido à formação e cultura desse casal. Araujo chega a afirmar que:

Ela foi de grande ajuda para Vingren em orações, cânticos, visitas e testemunhos. Era uma mulher enérgica em tudo, tendo desprendimento em compreender e resolver todas as situações num só momento. Porém, era muito alegre e bondosa sempre. (ARAUJO, 2015, p. 65)

Certamente uma mulher pronta a auxiliar e preparada para essa tarefa. Após o retorno do Rio de Janeiro, Vingren tinha certeza de que o Senhor o tinha chamado para sua seara na região Sudeste, e a partir desse momento começou a preparar tudo para a mudança da família (ARAUJO, 2015, p. 66). No dia 9 de março de 1924, ainda em Belém, nasceu mais uma menina, Astrid, a quarta filha do casal. Finalmente em 21 de maio de 1924, Vingren entregou a direção da igreja a Samuel Nyström, e partiu com toda a família para o Rio de Janeiro onde chegaram no dia 3 de junho do mesmo ano (VINGREN, 2020, p. 134). Mais uma missão e um chamado de Deus a ser cumprido por essa família, e mais uma vez lá estava Frida, firme na certeza desse chamado.

2. RIO DE JANEIRO: O AUGUE E AS FRUSTRAÇÕES DE UMA MULHER CHAMADA PARA LIDERAR

Aqui se pretende apresentar um breve resumo do trabalho realizado pela família Vingren, especialmente por Frida, na cidade do Rio de Janeiro. Essa cidade foi o palco do crescimento ministerial dessa mulher, onde sua liderança despontou e seu chamado pastoral ficou evidente. Mas foi, também, nessa cidade que Frida teve suas maiores decepções. Para além de suas decepções ela se mostrou forte e firme em seu propósito, e mesmo impedida de liderar, exerce sua liderança de forma indireta, porém assertiva.

2.1 Pioneira no Rio de Janeiro (1924-1932)

A família se hospedou no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, inicialmente na casa de irmãos e mais tarde numa casa própria



no mesmo bairro (CONDE, 2020, p. 230). No Rio, Frida teve muito mais liberdade para exercer o seu ministério nas mais diversas áreas. Enquanto em Belém já existiam vários obreiros, no Rio tudo começou do zero, então Frida cresceu em importância, expandindo o seu trabalho para qualquer área onde fosse necessária:

Frida foi responsável pelas atividades evangelísticas em diversas áreas da cidade do Rio de Janeiro. Ela era responsável pela oração e visitação aos crentes. Na abertura dos cultos, era ela quem fazia a leitura bíblica com a igreja. Quando Gunnar se ausentava em suas viagens, era Frida quem pregava a mensagem nos cultos e também cuidava de outras atividades da igreja. Ela gostava muito de ministrar estudos bíblicos. (ARAUJO, 2015, p. 76)

Em 1925 Frida continuou o seu trabalho, ao lado do esposo, na direção da igreja. Durante esse ano a igreja cresceu muito, fruto principalmente dos cultos ao ar livre onde um grupo, pequeno, mas zeloso de irmãos conseguia impactar muitas vidas. Frida era um dos pregadores mais ativos nesses trabalhos (ARAUJO, 2015, p. 80-81). Durante esse ano Frida continuou a contribuir para o jornal Boa Semente, editado no Pará, com dois artigos. Já em 1926, no dia 2 de maio nasce Bertil, o terceiro menino da família. O trabalho nos cultos ao ar livre continuou durante o ano de 1926, Vingren registra nesse ano 150 convertidos, 72 batizados e 32 batizados com os Espírito Santo (VINGREN, 2020, p. 145). Ainda em 1926, de 17 a 25 de julho no Rio de Janeiro, realizou-se a primeira Convenção geral de missionários suecos atuando no Brasil e na Argentina (ARAUJO, 2015, p. 85). Nesse ano Frida escreveu um artigo e traduziu uma poesia, ambos publicados no jornal Boa Semente.

O ano de 1927 foi um ano de muito trabalho para Frida, ela “foi bastante ativa tanto na igreja como na área da literatura e imprensa das Assembleias de Deus.” (ARAUJO, 2015, p. 87). Em fevereiro traduziu e publicou um artigo na edição do Boa Semente intitulado “Na Véspera da Vinda de Cristo”. Nos dois meses seguintes pregou em cinco cultos e escreveu “Vida por Vida”, mais uma publicação no Boa Semente. Em maio pregou em mais dois cultos e traduziu mais um artigo intitulado



“Cura Divina pela Fé em Jesus — I”, publicado também no Boa Semente. Em junho evangelizou, pregou e escreveu o artigo “O Eterno Destino dos Infiéis”, em julho publicou a segunda parte do artigo traduzido “Cura Divina pela Fé em Jesus — II” publicando mais três partes do artigo nas edições de setembro, novembro e dezembro (ARAUJO, 2015, p. 88-89). Podemos facilmente identificar uma ‘libertação’ e um crescimento de ministério espantoso, desde a ida para o Rio. Ela teve muitas oportunidades na igreja e produziu um número significativo de literatura em pouco tempo. O seu destaque como líder começou a chamar a atenção de alguns obreiros, que veremos depois, tentarão barrar essa ‘liberdade’.

Frida começou 1928 pregando e fazendo várias viagens juntamente com Vingren para apoiar novas igrejas. Em 6 de fevereiro deu-se um evento histórico, e único na história das AD's, Vingren consagrou a irmã Emília Costa ao diaconato (CONDE, 2020, p. 238). Em março, Frida escreveu uma reportagem para o jornal sueco Evangelii Hårold (EH) com notícias do campo missionário brasileiro (ARAUJO, 2015, p. 88-89). Em abril viajaram para Pernambuco para a inauguração do maior templo da AD no Brasil até então, lá se reencontraram com Samuel Nyström e outros missionários suecos. Aproveitaram ainda para visitar Campina Grande, na Paraíba, e Maceió, capital de Alagoas antes de retornar para o Rio. Em 27 de setembro nasceu Gunvor Alice, mais uma menina para a família. Após o parto Frida passou por uma série de problemas de saúde que a debilitaram e a afastaram do trabalho mais ativo na igreja, no entanto não reduziu a sua produção literária escreveu três artigos para o jornal Boa Semente: “Sinceridade”, “Ninguém É como Jesus” e “Os Dons Espirituais”. Para além disso escreveu mais uma reportagem sobre o campo missionário brasileiro para o jornal sueco Evangelii Hårold (ARAUJO, 2015, p. 95).

Em 1929 Vingren obteve uma permissão para levar a palavra de Deus na Casa de Detenção. Vingren e Frida lideraram um grupo de irmãos que passam a realizar cultos dominicais na unidade prisional, um trabalho que produziu muitas conversões genuínas (ARAUJO, 2015, p. 99). Seguindo com a sua produção literária traduziu o artigo “Palavras Escolhidas” e escreveu “O Dom de Profecia e o seu Caráter” ambos no



jornal BS e escreveu, também, uma nova reportagem para o EH. De 5 a 11 de agosto de 1929 aconteceu a primeira escola bíblica que reuniu todos os obreiros da região, onde Vingren e Frida foram os palestrantes. Durante esse evento foram separados três novos evangelistas sendo um deles uma mulher, Deolinda Evangelista (ARAUJO, 2015, p. 101). Frida então escreveu uma reportagem sobre a escola bíblica para o EH. Possivelmente o espantoso trabalho de Frida, bem como as ordenações de mulheres levaram Samuel Nyström a escrever, em setembro, uma carta dura dirigida a Vingren contra o ministério feminino na igreja:

[...] 28 de setembro, Vingren recebeu uma carta dura, com ameaças, do missionário Samuel Nyström, pastor da Assembleia de Deus de Belém do Pará na época e era, desde 1923, o diretor-gerente do jornal Boa Semente, órgão oficial e nacional das Assembleias de Deus no Brasil. Possivelmente, o assunto dessa missiva teria sido a sua posição contrária ao ministério da mulher na igreja. (ARAUJO, 2015, p. 102)

Essa carta foi o ponto de partida de um fracionamento que iria impactar a vida da família Vingren, e das AD's, para sempre. Em outubro Samuel Nyström publicou um artigo no BS com o título “O Serviço das Irmãs na Igreja”, traduzido de um livro pentecostal alemão que defendia a limitação do ministério feminino, onde estava escrito por exemplo que “às irmãs cabia o serviço auxiliar nas igrejas.” (ARAUJO, 2015, p. 103). No dia 4 de novembro, o casal Vingren recebeu a visita de Samuel Nyström, que saiu de Belém para conversar pessoalmente com Vingren e expor as suas divergências, como relata Araújo:

Vingren escreveu no diário que Samuel Nyström não se humilhou e continuou sustentando que a mulher não podia pregar nem ensinar, só testificar. Disse mais que, provavelmente, iria embora do Brasil. No dia seguinte, Nyström viajou a São Paulo para se encontrar com Daniel Berg, e de lá para Santos, para se avistar com Simon Lundgren. Sua intenção era conquistar a adesão de Berg e Lundgren para pressionar Vingren a mudar de ideia. Assim, em 13 de novembro, Nyström visitou Vingren para mais uma conversa, dessa vez acompanhado de Lundgren e Berg. Depois desse segundo encontro, a divergência



chegou ao clímax. Vingren escreveu: “Chegaram Samuel, Simon e Daniel. Samuel não se humilhou. Separamo-nos em paz, mas para não trabalhar mais juntos, nem com jornal ou nas escolas bíblicas, até o Senhor nos unir. Simon disse que ficava de fora, e Daniel tinha convidado Samuel a trabalhar em São Paulo”. Assim, Vingren disse a Nyström: “Estamos separados”. (ARAUJO, 2015, p. 104)

Após esse episódio Vingren decidiu lançar um novo jornal intitulado *O Som Alegre*, o qual foi definido por ele como o órgão oficial e nacional da igreja. Frida era uma das redatoras e escreveu o artigo “O Espírito Santo e a sua Direção”, para a primeira edição de dezembro de 1929. Em 17 e 18 de dezembro de 1929 diversos pastores e obreiros brasileiros se reuniram, publicaram um manifesto e convocaram uma convenção geral das AD's, com a presença dos missionários e dos obreiros brasileiros. Já tinham existido reuniões anteriores, mas contando somente com a presença dos missionários suecos que determinavam sobre todo o trabalho realizado no Brasil (ARAUJO, 2015, p. 85). Sobre a convocação da convenção geral Araújo escreve:

Segundo explicaram num Manifesto, nessa reunião, por causa de uma “crise” ocorrida nas Assembleias de Deus, eles tiveram a inspiração da necessidade urgente de uma Convenção Geral (assembleia geral) em que se congregasse a maior parte dos obreiros brasileiros e missionários para resolverem certas questões relacionadas ao progresso e à harmonia das Assembleias de Deus no Brasil. Nas correspondências trocadas entre o secretário de missões da Igreja Filadélfia de Estocolmo, Paul Ongman, e os missionários, viu-se com clareza onde de fato estava a origem do conflito: a visão sobre o papel das missionárias. Em especial duas mulheres, [...] Frida e Adina Nelson. (ARAUJO, 2015, p. 105-106)

A realidade era que desde que Vingren saíra do Pará e se mudara para o Rio de Janeiro embora continuasse como líder da igreja ‘de facto’, a sua influência transferiu-se gradualmente para Samuel Nyström conforme Costa apresenta:



Embora fosse o líder nacional, quem convivia diariamente com eles, consagrando novos pastores e obreiros, dando o suporte e as orientações, tanto de natureza administrativa quanto teológica, era Samuel Nyström. Existiam dois núcleos de poder que desejavam comandar um único grupo, e o lado mais forte era o de Samuel Nyström, que contava com o apoio de todos os pastores brasileiros do Norte e Nordeste, do grupo de missionários suecos, incluindo Daniel Berg, bem como do líder da Igreja Filadélfia de Estocolmo, Lewi Pethrus. (COSTA, 2017, p. 122)

De 18 de novembro a 16 de dezembro de 1929, Vingren faz uma viagem sozinho pelo Nordeste e durante esse período Frida ficou responsável pela direção da igreja conforme atesta Araújo: “Durante esse tempo de viagens de Vingren, Frida ficou à frente da igreja do Rio de Janeiro sendo auxiliada pelos seus obreiros.” (2015, p. 106). Parece que os questionamentos e a luta contra o ministério feminino fizeram Frida ‘cerrar fileiras’ e se dedicar, com ainda mais afinco, ao seu trabalho na igreja.

O início de 1930 foi marcado pela circulação nacional do manifesto dos obreiros brasileiros através do jornal Boa Semente e a convocação para a convenção geral das Assembleias de Deus no Brasil para a data de 12 de julho de 1930 (ARAUJO, 2015, p. 110).

A reação por parte de Frida se deu com a publicação, na edição de janeiro do ‘O Som Alegre’, de um artigo traduzido com o título “Filhas Profetizando” onde foi defendido o trabalho das mulheres na igreja, e no final do artigo uma nota da redação de Frida é bem enfática em relação ao tema:

Vendo então que não existe, na Palavra de Deus, mandamento contra o trabalho da mulher no evangelho, cumpre-nos somente dar liberdade ao Espírito Santo, e obedecer à sua santa palavra. [...] As mulheres devem “aprender em silêncio com toda a sujeição”, como se vestirem, para não se tornarem desonra para o homem, e para a casa de Deus. Graças a Deus que há um mandamento para as mulheres rebeldes. De outra forma como seria? Tudo é bom e necessário. Mas não há



proibição para a mulher se consagrar para ser um vaso de bênção na casa de Deus. Acontece, porém, que os vasos que desonram a casa de Deus pelo seu mau procedimento e desobediência à Palavra de Deus são bem tolerados, enquanto os vasos de honra, os que são cheios do Espírito Santo e usados pelo Senhor são desprezados e criticados. Convém abrímos os olhos para a realidade. Nos diferentes países onde existe a obra pentecostal, as mulheres tomam grande parte no trabalho. Nos países europeus, nos Estados Unidos e até nos países pagãos, elas têm penetrado. Oxalá que as mulheres brasileiras, que certamente não são inferiores às suas irmãs estrangeiras, se consagassem de tal forma que o Espírito Santo as pudessem chamar para pregar o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Dizem alguns que há dificuldades especiais neste país, se assim é, cremos ser por falta de ensino entre os crentes. Às irmãs, queremos dizer que não convém contenderem pelo seu direito, somente fazerem o que o Espírito dirigir. Assim estamos certos de que, com humildade, prudência e pelo poder de Deus, vencerão todos os obstáculos. Também queremos dizer que o motivo que nos levou a publicar este assunto não foi o do desejo de combater opiniões contrárias ao mesmo. Mas, sim, o de dar uma explicação que nos foi pedida por alguns irmãos. (ARAUJO, 2015, p. 110-112)

Ainda na edição de janeiro publicou mais três artigos intitulados “A Maior Necessidade”, “Dons Espirituais” e a “A Profecia”. Para além dos artigos escreveu duas poesias intituladas “Queres tu seguir a Cristo?” e “Ao pé da cruz do Salvador” que se tornaram os hinos da Harpa Cristã atual sob o nº 320 e nº 470 respetivamente (ARAUJO, 2015, p. 112). Em 26 de março Samuel Nyström voltou a se encontrar com Vingren no Rio de Janeiro, ele que estava desde 1930 substituindo Daniel Berg, pastoreando não mais a igreja de Belém, mas a de São Paulo. Sobre o encontro Vingren escreveu em sua agenda: “Samuel chegou do Pará em viagem para São Paulo. Ele não tem mudado a opinião concernente à mulher. Disse que não é bíblico a mulher pregar, ensinar e doutrinar” (ARAUJO, 2015, p. 112).

Frida continuo o trabalho intensamente e na edição de março escreveu dois artigos próprios, traduziu dois artigos e um hino. Em 1 de



abril Vingren escreveu uma carta para Samuel Nyström mostrando que devido a necessidade de obreiros no Brasil as mulheres deveriam ser mais aproveitadas, com mais responsabilidades e liberdade de atuação (ARAUJO, 2015, p. 113).

A convocação da convenção preocupou muito Vingren pois ele identificou dois problemas graves: a possibilidade de uma cisão das AD's dos missionários suecos e das igrejas de obreiros brasileiros no Nordeste, além do levante contra o ministério feminino na igreja (ARAUJO, 2015, p. 118). Por isso partiu, em 22 de maio de 1930, para a Suécia a fim de pessoalmente convidar o pastor Lewi Pethrus, da Igreja Filadélfia de Estocolmo. Durante a ausência de Vingren os trabalhos, tanto na redação do jornal, como na igreja ficaram sob a responsabilidade de Frida que nesses períodos era a pastora da igreja (ARAUJO, 2015, p. 114).

Frida escreveu para a edição de maio três artigos, uma reportagem e traduziu o hino “Lança o salva-vida” que consta como o nº 518 na Harpa Cristã atual. Na edição de junho escreveu uma notícia reportando a partida de Vingren para a Suécia com o intuito de buscar Pethrus para participar na convenção geral. Na edição de julho traduziu um artigo em sueco sobre uma cura milagrosa e um artigo devocional. Vingren retornou em 12 de agosto com o pastor Lewi Pethrus. Pethrus, por sua vez, já tinha identificado o que seria feito em relação ao trabalho missionário. Entregaria a direção das igrejas do norte e nordeste aos obreiros brasileiros e enviaria os missionários para as regiões sul e sudeste (ARAUJO, 2015, p. 118). Durante a visita de Pethrus Frida traduziu as suas pregações e estudos bíblicos. Frida publicou na edição de agosto: o hino “Cântico do Evangelista” que consta na harpa cristã atual com o nº 394 e o artigo “Rios de Água Viva” (ARAUJO, 2015, p. 119).

No dia 28 de agosto Frida e Vingren viajam para Natal a fim de participar da convenção que decorreu de 5 a 10 de setembro de 1930. Frida foi a única mulher a participar do evento. A pauta da primeira Convenção foi a seguinte: “1 - O Relatório do trabalho realizado pelos missionários; 2 - A nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste; 3 – A circulação dos Jornais Som Alegre e Boa Semente; e 4 – O trabalho feminino na igreja” (DANIEL, 2004, p. 27). Como resultado



da convenção as igrejas do norte e nordeste foram entregues aos obreiros brasileiros, foi aprovado o fim dos dois jornais (Boa Semente e O Som Alegre) e a criação de um novo jornal oficial unificado denominado Mensageiro da Paz, quinzenal. Sobre o ministério feminino foi oficializada a seguinte declaração:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar. (DANIEL, 2004, p. 40)

Era uma decisão que proibia, salvo em casos excepcionais e temporários quando não existissem obreiros qualificados, as mulheres de pastorear, pregar e ensinar nas igrejas. Podemos facilmente identificar a importância dessa decisão pois analisando as fotos oficiais do evento Frida era a única mulher. E ela não estava lá por ser esposa de Vingren e sim como missionária com obra feita no Brasil. Vingren e Frida tinham perdido essa luta.

Em 1 de dezembro de 1930 foi impressa a primeira edição do jornal Mensageiro da Paz. Com sede no Rio de Janeiro e que tinha como diretores Gunnar Vingren e Samuel Nyström, e redação de Frida Vingren e Carlos Brito. Nessa primeira edição, Frida publicou o artigo “Fatos de Interesse” (ARAUJO, 2015, p. 125). Isso indica que mesmo após ter perdido a batalha na convenção, Frida se manteve, de alguma maneira, firme em seus propósitos.

Já o ano de 1931 começou com Frida escrevendo para o Mensageiro da Paz, em janeiro escreveu dois artigos, uma reportagem e duas poesias. Foi também a comentarista das revistas adultos de EBD do 1º, 2º e 3º trimestres (ARAUJO, 2015, p. 129). Na edição da 1ª quinzena de fevereiro escreveu, aproveitando o momento político da Revolução de 30, um texto de sua autoria intitulado “Deus Mobilizando suas tropas”, é uma afirmação das suas convicções, e uma escrita de resistência como Araújo afirma: “parece que o texto tem um objetivo específico: incitar as assembleianas a não aceitarem passivamente a



decisão da Convenção. Ela, como as demais mulheres, fora proibida de falar, mas, no seu caso, não de escrever” (2015, p. 129). Frida escreveu no texto:

Despertemo-nos, para attender ao chamado do Rei, alistando-nos nas Suas fileiras. As irmãs das “assembléias de Deus” que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também quando chamadas pelo Espírito Santo sahir e annunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs [...] trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra... (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o Pastor Lewi Pethrus falar deste assumpto, sabem que é verdade.) Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer: Creio que não. Será falta de coragem? [...] As irmãs, convém buscarem santificação e consagração, para que o Senhor as possa dirigir e abençoar. Não há tempo a perder. Jesus vem em breve. O Senhor diz: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Diremos nós: “Eis me aqui, envia-a me a mim”. Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do Estado de Minas Geraes, as quaes se tinham alistado para a lucta. (MENSAGEIRO DA PAZ, 01/02/1931, p. 3).

Costa escreve que “Frida Vingren não aceitou passivamente a decisão da convenção de 1930; ela sempre recalcitrava contra os agulhões que a oprimiam” (2017, p. 129). Na edição da 2ª quinzena de fevereiro escreveu o artigo “O Pastor” que era de certa forma uma continuação do artigo anterior e que entre outras coisas relativiza o título definindo-o como “um auxílio para, diante da lei social, poder exercitar as funções de um ministério evangélico” (MENSAGEIRO DA PAZ, 15/02/1931, p. 3).



Esses textos incendiaram o coração daqueles que se opunham ao ministério feminino, e particularmente, ao ministério de Frida. Um grupo de 6 pastores brasileiros do Nordeste, e supostamente, em nome de todos os pastores brasileiros e missionários suecos, enviou no dia 21 de abril de 1931 uma carta denúncia (COSTA, 2012, p. 127-128) para Levi Pethrus onde são incisivos na não aceitação da atuação ministerial de Frida e também do seu trabalho como redatora no Mensageiro da Paz. Ademais ameaçaram fazer um levante se não fosse tomada uma atitude quanto ao caso. Costa descreve bem a decisão que Pethrus teve que tomar: “decidir entre a saída de Frida Vingren ou a unidade dos trabalhos no Brasil, entre a saída do Missionário Samuel Nyström e a permanência do casal Vingren ou a permanência do Missionário Samuel Nyström e a saída do casal Vingren” (2017, p. 130). A resposta chegou com um telegrama de Levi Pethrus em 12 de novembro de 1931. Vingren deveria entregar a direção do Mensageiro da Paz para Samuel Nyström (ARAUJO, 2015, p. 135).

O machismo dos líderes nordestinos, associado ao reacionarismo sueco, proibiu essa prática. Vingren, então, amargou ver sua mulher, que nas atividades do jornal produzia mais do que ele, ser boicotada, inclusive por seu conterrâneo Samuel Nyström, o mais ferrenho inimigo de mulheres no ministério. (ALENCAR, 2012, p. 99)

O atrito provocado pelas publicações de Frida e a tentativa de forçar a remoção do seu cargo, talvez até buscando um esmagamento do seu ministério, fizeram com que surgisse um boato de adultério de Frida. Sem comprovação ou confissão. Alencar escreve sobre esse assunto: “A acusação de adultério surge – coincidência? – bem depois das polêmicas. Na falta de argumentos parte-se para ataques pessoais, fórmula bem “eficiente”, especialmente contra mulheres.” (2012, p. 110). Mesmo no meio de tantas tempestades Frida escreveu em 1931 26 hinos, entre autorais e traduções assim como continuava escrevendo para o Mensageiro da Paz, para além de continuar pregando e ensinando na igreja. Isso aponta, mais uma vez, para a certeza de seu chamado ministerial.

Em janeiro de 1932 Vingren entregou a direção do Mensageiro da Paz para Nyström, depois de uma troca acessa de correspondências



com ameaças e acusações (ARAUJO, 2015, p. 144). Terminou ali a participação do casal Vingren no Jornal. Depois disso sentiram que, talvez, o seu tempo no Brasil tinha terminado. Era o reconhecimento e a conformação com a derrota. “Para Frida era como arrancar o coração do seu peito quando pensava em deixar o Brasil para talvez nunca mais voltar” (ARAUJO, 2015, p. 147). Ainda em janeiro Vingren viajou para Santa Catarina por 36 dias e quando voltou, totalmente debilitado, escreveu uma carta para o pastor Levi Pethrus pedindo para voltar para a Suécia. Em março Vingren, Frida e Nyström tiveram um encontro, e Nyström concordou em trabalhar com eles no Rio de Janeiro, selando assim a paz entre eles (ARAUJO, 2015, p. 149). A partir desse momento Nyström passou a estar envolvido nos trabalhos da igreja no Rio de Janeiro. Alguns dias depois Vingren adoeceu acometido de uma pneumonia e permaneceu doente até 26 de maio. Sobre esse período Araújo relata: “Durante todo o tempo da sua última viagem ao Sul e depois, durante a sua enfermidade, Frida, junto com os obreiros da igreja, assumiu a responsabilidade da Assembleia de Deus no Rio” (2015, p. 150). Numa carta datada de 27 de maio, Frida abriu o coração, revelando pelo que estava passando, “o Senhor sabia de tudo. Não queria se defender, pois não era perfeita, mas que no dia final tudo se revelaria. Afirmou que, até onde compreendia, tinha se humilhado na presença do Senhor, e estava pronta para continuar assim” (ARAUJO, 2015, p. 150).

No dia 23 de julho de 1932 morre Gunvor, a filha mais nova do casal, e em 14 de agosto Vingren entregou a direção da igreja do Rio de Janeiro para Samuel Nystrom. Tendo toda a família embarcado com destino à Suécia no dia seguinte.

A chegada de Nyström ao poder no Rio de Janeiro marca o final do projeto de Igreja tal qual idealizado por Gunnar Vingren. No projeto do fundador, por exemplo, as mulheres teriam amplo espaço nas atividades ministeriais. No projeto de Nyström não. A era Nyström configura-se como um período de transição entre a liderança profética de Vingren e a efetiva institucionalização do movimento com a burocratização da CGADB. Se na era Vingren ainda não temos a ocorrência do termo “Ministério” para se referir às fações da Igreja, na Era Nyström começa a



ganhar corpo a ideia de vários Ministérios independentes em torno de uma convenção geral. (FAJARDO, 2015, p. 110)

2.2 Retorno à Suécia e últimos anos de vida (1932-1941)

Aportaram na Suécia no dia 12 de setembro de 1932 e pensaram que com a mudança de clima Vingren iria melhorar das constantes enfermidades, mas aconteceu exatamente o contrário (ARAUJO, 2015, p. 161). Quando melhorava participava dos cultos e eventos da igreja Filadélfia de Estocolmo. Foi um período difícil para Frida pois tinha que cuidar do seu esposo enfermo. Então no dia 29 de junho de 1933, com 53 anos de idade, o Senhor recolheu Vingren, menos de um ano depois de sepultar a sua filha. Frida escreveu então uma reportagem para o Mensageiro da Paz reportando o falecimento de Vingren. A reportagem foi publicada na edição da 1ª quinzena de 1933 e foi a última publicação de Frida no Brasil (ARAUJO, 2015, p. 168).

Após a morte de Vingren, Frida desejou partir novamente para o Brasil como missionária, mas Lewi Pethrus não aprovou a ideia. Aliás esse foi um dos muitos embates que tiveram, já que divergiam nas opiniões e sobre o que ela poderia ainda fazer na obra missionária (NORELL, 2011, p. 289-299). Depois do não para o trabalho no Brasil pensou em ir para Portugal, onde já existia uma base missionária sueca, mas de novo foi recusada a ajuda da igreja por Pethrus (NORELL, 2011, p. 208-209). Tentou então voltar por conta própria, mas quando já estavam na plataforma de trem foram barrados por um grupo de irmãos da igreja (NORELL, 2011, p. 322) que a levaram para uma delegacia e a internaram compulsoriamente no Hospital Psiquiátrico de Konradsberg, em Estocolmo, no dia 25 de dezembro de 1934 (ALENCAR, 2012, p. 110).

Mais tarde o seu filho Ruben internou Frida no Hospital de Långbro, que era um sanatório, onde era visitada e cuidada pelos dois filhos mais velhos. Porém os 3 filhos mais novos ficaram separados da mãe e eram cuidados pelas famílias da igreja. Durante esse período ela desenvolveu uma profunda depressão conforme escreve Araújo: “Frida era sempre uma mulher alegre, mas após a internação ficou muito triste. A separação dos filhos ainda pequenos lhe causou muita dor. Além



disso, poucos irmãos da Igreja Filadélfia iam visitá-la” (ARAÚJO, 2015, p. 173). Em 1937 foi morar com o filho Ivar, mas logo foi internada novamente, agora no hospital de Beckomberga onde ficou até 1939 quando foi morar novamente com o filho Ivar, Ruben, e também, com Margit que completara 16 anos. Margit seria a sua cuidadora mais próxima até ao final da sua vida. Frida estava muito magra pesando somente 30 quilos e em 30 de setembro de 1940 veio a falecer depois de um internamento de 1 mês no hospital Karolinska (ARAÚJO, 2015, p. 177). Sobre os últimos dias de Frida Alencar escreve:

Norell (2011), a partir da documentação do hospital, informa sobre alguns distúrbios mentais e alucinações persecutórias que Frida vive em seus últimos dias. Ela oscila em “afirmar” e “negar” as inúmeras acusações que sofreu em vida, inclusive de adultério. Considerando que uma viúva que lhe fora tomados os filhos, hospitalizada compulsoriamente, abandonada e destituída de seus ministérios, vendo sua vida findando sem nenhuma perspectiva tanto na Suécia como no Brasil, enlouqueça. Era “louca” antes de ser hospitalizada ou se tornou “louca” posteriormente? As ADs elegeram seus “santos”, mas falta assumir que têm uma mártir. Feita não por inimigos da igreja, mas por ela própria. (ALENCAR, 2012, p. 110)

Um final pouco esperado, mas nada incomum, para uma mulher que estava à frente de seu tempo. Uma mulher chamada para liderar, mas que teve que enfrentar as intempéries impostas por uma sociedade despreparada para receber essa liderança. No próximo tópico trataremos sobre o fato de a história de Frida ter ficado “esquecida” por alguns longos anos.

3. 80 ANOS DE SILÊNCIO, ESQUECIDA OU APAGADA?

Frida depois de uma vida tão produtiva e dedicada à igreja subitamente some de todas as publicações e anais da história. A convenção de 1930 e o atrito que teve devido à sua defesa intransigente do ministério feminino fez com que fosse apagada da história por aqueles que lutaram para a derrotar, ou simplesmente a sua memória foi esquecida juntamente com tantas outras grandes mulheres do



movimento pentecostal das Assembleias de Deus? Vilhena defende que ela foi esquecida propositalmente:

Não sabemos se o processo de invisibilidade de Frida perdurou na história da denominação por quase oitenta anos, porque ela foi dada como culpada de adultério ou por sua condição de ser mulher. Sua memória, sua história, sua participação, seu envolvimento com o desenvolvimento e crescimento do início das Assembleias de Deus no Brasil, sua entrega ao árduo trabalho... tudo foi esquecido. A igreja da época atirou sobre ela a pedra do esquecimento, sem a menor compaixão. (VILHENA, 2016, p. 77-78)

Já Norell defende que “não foi somente esquecida, mas escondida” (2011, p. 87) e para Alencar “A figura da Frida na história oficial é apagada, quase inexistente” (2012, p. 95). Importante ressaltar que, independentemente das posições apresentadas anteriormente, não houve um processo de apagar todas as suas contribuições literárias na forma de um grande expurgo, Alencar salienta o “silêncio da história oficial, não dos hinos, artigos, poesias e jornais que compôs e escreveu.” (2012, p. 97).

É impossível definir com certeza se a história de Frida foi, ou não, propositalmente apagada, mas as evidências sugerem que, pelo menos, existiu uma vontade de não contar a sua história, e por isso a sua história ficou engavetada por cerca de 80 anos.

Foi só na segunda década do século XXI que se pode observar um retorno à memória do que foi, e do que representou, Frida para o movimento pentecostal brasileiro em especial para a Assembleia de Deus no Brasil (VILHENA, 2018, p. 12). Podemos facilmente identificar esse resgate com a quantidade de publicações num curto espaço de tempo como: (ALENCAR, 2012); (ARAUJO, 2014); (FAJARDO, 2015); (VILHENA, 2016); (PEIXOTO, 2017); (COSTA, 2017), que focam exatamente na personagem abordada neste artigo. Podemos até observar o interesse de agências noticiosas não religiosas (MOTA, 2018). Não é alheia a essa situação o movimento feminista cada vez mais forte mundialmente (GOMES, 2015, p. 138) e a luta do crescente ministério



feminino nas igrejas para que seja reconhecido e valorizado (GOMES, 215, p. 142). Frida foi uma mulher 100 anos à frente do seu tempo e isso fez com que muitos a resgatassem como uma heroína esquecida. Passou da obscuridade diretamente para a ribalta num movimento de certa forma penitencial que buscou amenizar os 80 anos de silêncio sobre ela. Mas será que não foi de forma proposital tal retorno ao passado? Será que depois de 80 anos, trazer a memória dela faz com que possam ser apagadas ou amenizadas algumas situações vividas por ela, e que foram de claro confronto com as lideranças e com a própria estrutura da igreja? George Orwell disse que “A história é escrita pelos vencedores”, e isso é uma grande verdade quando observamos a história de Frida, ela não foi claramente, a vencedora. A sua história foi reescrita tirando aquilo que era incômodo às instituições e trazendo uma heroína.

Frida é na atualidade o retrato claro de um movimento que tenta sair de dentro para fora numa denominação predominantemente conservadora (ALENCAR, 2009, p. 75). O ministério feminino tem hoje um exemplo que tenta resgatar a influência feminina vivida no início da igreja. Seja ou não contestado, esse legado existe, e é claro pela quantidade, qualidade e importância do ministério de Frida que vemos nos primeiros anos. Hoje é uma grande utopia pensarmos numa situação de igualdade de oportunidades e de reconhecimento do ministério feminino, e isso foi fruto dos 80 anos de silêncio. Hoje não vemos novas ‘Fridas’, pelo contrário, vemos um ministério feminino muito menos atuante do que existia na igreja nos seus anos de pioneirismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou a vida e obra da missionária Frida Vingren mostrando que ela era uma mulher à frente do seu tempo. Resiliente e insubmissa ao contexto social da época foi uma figura de destaque nos primeiros anos da Assembleia de Deus no Brasil, no entanto se pode observar que, por muitos anos, a sua memória e trabalho foram praticamente apagados da história da maior denominação evangélica brasileira da atualidade.

Desde o início do seu ministério em Belém até ao auge do seu trabalho no Rio de Janeiro, Frida demonstrou uma dedicação sobre



humana e uma produção sempre crescente em quantidade, qualidade e impacto. No entanto quanto mais cresceu Frida, mais cresceram as vozes que a queriam silenciar. A sua relevância valeu-lhe muitas inimizades e acabou sendo derrotada pelos que se levantaram contra ela e o seu ministério, enfim, contra o ministério feminino como um todo. O pentecostalismo trouxe muitas mudanças nas igrejas evangélicas, mas não conseguiu derrubar o patriarcalismo existente.

Neste trabalho se pode concluir que existiram várias razões para que ela tenha sido apagada da história. O fato de a sociedade da sua época ser tradicionalmente patriarcal, e a luta pelo poder dentro dessa instituição fizeram com que um dos seus elementos mais profícuos e capacitados fosse esquecido por muitos anos. Esse silenciamento não foi só de Frida, mas também, de muitas outras mulheres que perderam gradualmente a importância e o destaque que tinham alcançado durante os anos de combate árduo de Frida, uma mulher definitivamente à frente do seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia - 1911-2011**. 2012. 285 f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ARAUJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARAUJO, Isael de. CPAD. **Frida Vingren Uma mulher cristã à frente do seu tempo**. 2014. Disponível em: <http://editoracpad.com.br/hotsites/frida/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ARAUJO, I. **Frida Vingren**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. 184 p.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. 360 p. Edição comemorativa.



COSTA, Moab César Carvalho. **O AGGIORNAMENTO DO PENTECOSTALISMO:** as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz-MA (1980-2010). 2017. 394 f. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **“ONDE A LUTA SE TRAVAR”:** A expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946 – 1980). 2015. 359 f. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

GOMES, Jose Ozéan. **Pentecostalismo e relações de gênero:** uma discussão convencional acerca do ministério feminino nas Assembleias de Deus brasileiras. *Revista Mandágora*. v.21. n. 21, 2015, p. 135-152.

MOTA, Camilla Veras. BBC News Brasil. **A missionária sueca perseguida no Brasil, internada em hospício e 'esquecida' pela História.** 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>. Acesso em: 24 abr. 2021.

NORELL, Kajsa. **Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelans och den helige andens land,** Stockholm, Ed. Bladh by Bladh, 2011.

PEIXOTO, Monik Águilla Souza. **Escritos de si e Memória Coletiva:** Frida Maria Strandberg (Vingren) e a Missão da Fé Apostólica. 2017. 102 f. Universidade Federal do Pará, Bragança, 2017.

VILHENA, Valéria Cristina. **UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE FRIDA MARIA STRANDBERG (1891-1940).** 2016. 236 f. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro Gunnar Vingren.** 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. 288 p. Edição comemorativa.

